



MESA DE CAIXOTE, CADERNO E LAPIS: CAROLINA RETRATA FAVELA.



LATA D'ÁGUA NA CABEÇA, COMO AS MARIAS DE TODAS AS FAVELAS.

## A fome fabrica uma escritora

O "DIÁRIO" de Carolina é reportagem estética, retrato sem retoques. Carolina Maria de Jesus faz reportagem diária sobre a favela. Reportagem vivida e sofrida. Quando fala da longa espera na "Tia da água" (há apenas uma torneira para o abastecimento de toda a população) é com o conhecimento de causa de quem permanece horas sentada numa lata, aguardando a vez de chegar à torneira. E quando escreve, com sua caligrafia nervosa, que não tem o que comer, é com o desalento de quem está de estômago vazio, e sem perspectiva imediata de enchê-lo.

Carolina Maria de Jesus tem 45 anos de idade: "33 anos de miséria na rua e 12 anos de miséria na cidade", conforme ela mesma define a sua vida. Nasceu no interior de Minas (Bicas) e está em São Paulo desde 1937, ano em que "estrou" na favela. Sótinha, sem experiência, encontrava todas as portas fechadas. Até que conheceu outros miseráveis, que lhe entenderam a mão. Foi na favela, onde vive até hoje, que encontrou um pouco de solidariedade. E, como marginal, começou a preocupar-se com o problema de outros marginais. Entre os papéis, que apinhava no lixo, sempre encontrava revistas velhas, livros dilacerados. Lía tudo. Um dia, leu um verso, achou bom e começou a sua "fase poética". Tudo era motivo para quadras ingênuas que falavam de gente pobre, de gente rica, de gente boa e de gente ruim. Depois vieram os "contos" e os "romances" — histórias simples, mas sempre marcadas pelos tons negros da miséria.

Alguém viu os seus escritos e disse que eram bons, que ela procurasse os jornais. Carolina iniciou uma peregrinação pelas redações, mas nem sempre encontrava alguém com disposição para ler os seus cadernos. Dos jornais passou às editoras. Nunca chegou a ser recebida. Destila, mas não parou de escrever. Por necessidade de dizer algo ao mundo, gritar aos ouvidos surdos do mundo. Seu barraco está cheio de cadernos velhos, empoeirados. Cheio dos gritos ruídos dos favelados.

Mas Carolina não é apenas uma mulher que grita contra o mundo. Tem os seus momentos de fuga, quando deixa o registro puro e simples das misérias da favela e se encontra com o seu "mundinho interior". Olha através da janela do barraco e não vê a lama do terreiro. Nem ouve o choro do filho do vizinho. Descobre nuvens coloridas sobre os telhados de zinco, ouve os silbos de sol e o coroação de alegria.

É no "diário", porém, que se encontra a substância Carolina Maria de Jesus, favelada falando da favela. Carolina só esteve durante dois anos na escola, mas sabe contar histórias. Suas frases curtas, molhas vãs incorretas, dizem muita coisa. Coisas de um pequeno mundo que se agita sob telhados de zinco. Eis alguns trechos do "Diário de Carolina", escolhidos ao acaso:

— 21 de julho de 1955. Despertei com a voz de D. Maria perguntando-me se eu queria comprar banana e alface. Olhei as crianças. Estavam dormindo. Fiquei quieta. Quando eles vê as frutas sou obrigada a comprar. (...) Já habituei beber café na casa de seu Lino. Tudo que eu peço a ele emprestado ele me empresta. Quando eu vou pagar, não recebe. Foi lavar roupa e vim preparar o almoço. Hoje estou cantando. Todos nós temos o mesmo dia de alegria. Hoje é o meu!

— 17 de maio de 1958. Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava descontente que até cheguei a brigar com o meu filho José Carlos sem motivo.

— 19 de maio de 1958. Deixei o leite às 5 horas. Os papéis já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais



CRIANÇAS TRISTES DA FAVELA DO CANINDE NÃO CONHECEM OS PARQUES INFANTIS. "PARQUE INFANTIL DE FAVELADO É LIXO" — DIZ CAROLINA.



OS FILHOS DE CAROLINA E OS FILHOS DE OUTRAS MÃES DA FAVELA LEVAM A VIDA À PROCURA DE COISAS NO LIXO. CAROLINA VÊ E REGISTRA TUDO.